

POESIA E MEMÓRIA NA PRODUÇÃO FEMININA NOS *CADERNOS NEGROS**

FRANCINEIDE SANTOS PALMEIRA

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da
Universidade Federal da Bahia
francineidepalmeira@yahoo.com.br

Resumo

Este texto busca verificar a relação entre a poesia e a memória na produção de escritoras que publicam nos *Cadernos Negros*. Para isso, foram escolhidos alguns poemas das escritoras Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo, Graça Graúna e Sônia Fátima que tratam a respeito da memória.

Palavras-chave: poesia, memória, escritoras, mulher, afrodescendente.

Abstract

This text intent to check the relations between poetry and memory in the literary works of the *Cadernos Negros'* authors. So, we chose some poems was written by Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo, Graça Graúna and Sônia Fátima that discuss the memory.

Key-words: poetry, memory, authors, woman, afrodescendent.

1 INTRODUÇÃO

Jacques Le Goff, relacionando a memória ao conceito de identidade, define a memória como “[...] um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1996, p. 476).

Contudo, não são somente as sociedades atuais que buscam a memória. Na sociedade grega, segundo a estudiosa Alba Olmi (2006, p.29), “[...] o poeta tinha a tarefa de difundir conhecimentos essenciais, de fazer lembrar o passado a fim de transmitir valores perenes.” Para realizar essas atividades, os aedos¹ memorizavam textos e os recitavam ou cantavam para uma platéia que

* Este artigo integra as reflexões da dissertação “Vozes femininas nos *Cadernos Negros*”, em desenvolvimento, e que está sendo desenvolvida durante a vigência de uma bolsa Capes.

¹Para os gregos, a memória era uma deusa. Os aedos, inspirados pela musa da memória, Mnemosyne, criavam, repetiam, compunham palavras em ritmos.

os ouvia. Assim, resgatavam o acontecido do esquecimento e presentificavam o passado. Versejar era lembrar. Cantar era lembrar (SMOLKA, 2000).

De modo semelhante, aos aedos, *mutatis mutandis*, as escritoras e os escritores dos *Cadernos Negros* buscam, entre outros objetivos, “[...] revigorar a memória das várias tradições afrodescendentes que circularam e se reconfiguraram [...] e continuam sendo refeitas por todo século XIX e XX” (SOUZA, 2005, p.49). Compreendendo a memória como importante para a construção da identidade dos afro-brasileiros, as escritoras e os escritores da literatura negra tematizam a memória dos afrodescendentes em suas produções, trazendo à tona uma memória coletiva invisibilizada, negada e apagada pela história oficial brasileira. Por meio da reinvenção poética, esses escritores e escritoras immortalizam a experiência vivenciada e transmitida de pai para filho e de mãe para filha num processo constante de reconfiguração/preservação simultânea de tradições seculares transmitidas pela oralidade.

A fim de constatar como isso é feito pelas escritoras afro-brasileiras, veremos a seguir um texto que traz uma visão da relação poesia e memória na produção das escritoras negras contemporâneas. Como temos um número significativo de escritoras e seria impossível tratar de todas neste ensaio, limitamos nossa abordagem às escritoras que publicam nos *Cadernos Negros*. Todavia, como permanecesse a questão, elegemos quatro escritoras: Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo, Graça Graúna e Sônia Fátima. Para compreendermos e situarmos a produção dessas escritoras, o texto está dividido em duas partes, como veremos a seguir.

2 A PUBLICAÇÃO FEMININA NOS CADERNOS NEGROS

Os *Cadernos Negros*, um dos importantes espaços para publicação da literatura negra², consiste em uma antologia anual que reúne produções

²De acordo com o conceito de literatura negra aqui adotada, o de Florentina Souza, a etnia não é uma prerrogativa da literatura afro-brasileira ou literatura negra, mas sim o discurso: “[...] poemas e contos instauram /adotam um discurso que constrói e assume uma

artísticas dos afro-brasileiros. De autoria variada, com escritores oriundos dos diversos estados brasileiros, essa antologia poética, que surgiu em São Paulo em 1978, possui, até o momento, trinta e um volumes, sendo os números ímpares dedicados aos poemas e os números pares, aos contos.

No que concerne à participação das escritoras negras nesse periódico, embora se façam presentes desde o primeiro número, esse não tem sido um processo fácil, visto que as escritoras afro-brasileiras enfrentam um “[...] duplo desafio representado por uma sociedade simultaneamente racista e sexista [...]” (CAMPOS, 1992, p. 117). A luta das escritoras, para consolidar uma tradição literária feminina na literatura negra, é abordada pelos atuais organizadores dos *Cadernos Negros*, Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa, no texto de apresentação do volume 29:

Quem sabe este volume seja também a consolidação de uma escrita feminina atuante nos *Cadernos*... Às vezes a presença de poemas ou contos de apenas duas mulheres, em uma experiência coletiva, é como uma gota no oceano. Neste volume a musicalidade da poesia tocou os corações de algumas escritoras. O olhar, o ritmo e a estética feminina desta vez estão nos textos de *nove* delas, [...]. Embora os aplausos sejam ainda contidos, já que encontramos neste *Cadernos* versos de vinte homens, valeu. Quem ganhará com a diversidade da escrita feminina seremos todos nós. (RIBEIRO; BARBOSA, 2006, p. 16)

Essas palavras evidenciam a luta permanente das mulheres negras para consolidar o espaço feminino nessa série. Em alguns volumes, a produção feminina teve duas representantes, enquanto os homens eram seis (CN³ 1); em outros eram três, e os homens dois (CN 17); em 2006, foram nove mulheres para vinte homens (CN 29).

Entre os nomes das escritoras que já publicaram e/ou publicam nos *Cadernos Negros* citamos: Alzira Rufino, Ângela Galvão, Ana Cruz, Ana Célia da Silva, Andréia Lisboa, Benedita De Lazari, Célia Aparecida Pereira, Cristiane Sobral, Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães, Graça Graúna, Iracema Régis, Marta André, Marise Tetra, Maria da Paixão, Miriam Alves, Mel Adún, Lia Vieira, Regina Amaral, Roseli Nascimento, Ruth Souza Saleme, Serafina Machado, Sônia Fátima, Sueli Ribeiro, Teresinha Tadeu, Vera Lucia

identidade afro-brasileira e engaja-se num projeto político de repúdio ao racismo e suas manifestações e de combate às desigualdades sociais.” (SOUZA, 2005, p. 110)

³ Quando necessário, utilizaremos a sigla CN para fazer referência à série *Cadernos Negros*.

Barbosa. É relevante destacar que dentre as escritoras citadas acima, duas são baianas: Ana Célia da Silva⁴ e Mel Adún⁵.

Por meio de suas perspectivas — marcadas, como não poderia deixar de ser, pela vivência de ser mulher negra na sociedade brasileira — essas escritoras afro-brasileiras, que publicam nos *Cadernos Negros*, contribuem para a constituição de uma história brasileira sob a perspectiva feminina negra que revela elementos apagados e/ou desprivilegiados pelas escritas falocêntrica e branca.

As escritoras negras contribuíram e contribuem com a luta histórica de seus ancestrais pela questão da afrodescendência no Brasil e para a constituição da identidade afrodescendente por meio do instrumento da escrita, pois, conforme Michel Foucault (1971, p.2), “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos”.

Dentre as escritoras que serão tratadas neste ensaio, a socióloga Sônia Fátima da Conceição foi a primeira a integrar o grupo de escritoras dos *Cadernos Negros* em 1979. A jornalista Esmeralda Ribeiro começou a publicar suas produções a partir do quinto ano da série. Por sua vez, Conceição Evaristo passou a integrar essa antologia no ano de 1990. Já Graça Graúna, autora que tem dois livros de poesias publicados, fez sua estréia na coletânea afro-brasileira em 2006. Desse modo, Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo e Sônia Fátima possuem vários poemas e contos publicados nos *Cadernos negros*.

⁴ Professora Adjunto da Universidade do Estado da Bahia, no Departamento de Educação, Campus I e no Mestrado em Educação e Contemporaneidade. Publicou obras como: *A discriminação racial nos Livros didáticos: educação e discriminação dos negros*, *A discriminação do negro no livro didático*, *Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático*, *Experiências alternativas de educação da criança negra em Salvador - O terreiro, a quadra e a roda* e participou das seguintes coletâneas: *Cadernos Negros volume 19*, *Identidade negra e educação*, *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial*, *As idéias racistas, os negros e a educação*, para citar algumas.

⁵É jornalista, poetisa e contista e integra as organizações educativas Didá e Junça Pedra Preta do Paraguaçu, é ativista do Movimento EREGÊGE. Tem publicações nos volumes 29 e 30 dos *Cadernos Negros*.

É importante destacar ainda que as escritoras negras contemporâneas são herdeiras de uma linhagem de escritoras que remonta, ao que sabemos, ao século XIX, tais como Maria Firmina dos Reis, Auta de Souza; mais tarde no século XX, Antonieta Barros e Maria Carolina de Jesus. Durante um período, a produção dessas escritoras era desconhecida na história da literatura, pois suas autoras faziam parte do grupo dos excluídos do projeto nacional, portanto, não puderam fazer parte da construção histórica da memória (ACHUGAR, p. 2006).

3 A MEMÓRIA NA POESIA DE ALGUMAS ESCRITORAS AFRO-BRASILEIRAS

Memória: termo que nomeia uma diversidade de significados. Em *Modos de Saber, modos de adoecer*, Roberto Correa dos Santos (1999) diferencia dois tipos de memória. A memória como categoria da história, que inclui valores de pequenos grupos sociais até os valores das nações e formas de destinos coletivos; e a memória como máquina mental ativa de cada sujeito. Esta é caracterizada por Santos como primária e particular; aquela, como secundária e geral.

A memória, como máquina mental de cada sujeito, não pode ser controlada pelo indivíduo. Independentemente da vontade do sujeito, ela é acionada, fazendo surgir as recordações, como podemos observar no seguinte poema de Conceição Evaristo⁶:

Recordar é preciso

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos.

A memória bravia lança o leme:

Recordar é preciso.

O movimento de vaivém nas águas-lembranças

dos meus marejados olhos transborda-me a vida,

salgando-me o rosto e o gosto. Sou eternamente náufraga.

⁶A mineira Conceição Evaristo nasceu em 1951 e começa a publicar na década de 1980. Conceição Evaristo é uma escritora afro-brasileira que transita entre os espaços dos movimentos sociais e o ambiente acadêmico (Mestrado e Doutorado em Literatura). Uma mulher que produz a partir de suas identidades de mulher negra brasileira, militante e pesquisadora. Evaristo possui um conjunto de obras produzidas na contemporaneidade, que se constitui de poemas, contos, ensaios e romances e que começaram a ser publicadas em 1990 (*Ponciá Vivencio, Becos da Memória*).

Mas os fundos oceanos não me amedrontam nem me imobilizam.
Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas
(EVARISTO, 1992, p. 17)

Nesse poema, a memória é comparada ao mar, pois esta, assim como o mar, é incontrollável. A memória adormece sob os pensamentos até ser despertada por algo. O despertar da memória pode ser causado por um objeto, por exemplo. Ecléia Bosi, fundamentada em Violette Morin, denomina os objetos que despertam as lembranças de objetos biográficos. Estes são assim definidos:

[...] envelhecem com seu possuidor e se incorpora a sua vida: o relógio da família, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa mundi do viajante. Cada um dos objetos representa uma experiência vivida. Penetrar na casa em que estão é conhecer as aventuras afetivas de seus moradores. [...] (BOSI, 1994, p. 441)

Hegel define o conteúdo da poesia como: “[...] A maneira como a alma com seus juízos subjetivos, alegrias e admirações, dores e sensações, toma consciência de si mesma no âmago deste conteúdo [...]” (HEGEL, 1980, p.221). Em “Recordar é preciso”, por exemplo, destaca-se um sujeito lírico⁷ que nos conta seu estado de espírito: se sente uma eterna naufraga. De fato, a subjetividade é um traço do poema lírico apontado por vários estudiosos, tais como Anatol Rosenfeld. Para este autor,

Pertencerá à Lírica todo poema de extensão menor, na medida em que nele não se cristalizarem personagens nítidos e em que, ao contrário, uma voz central — quase sempre um “Eu” — nele exprimir seu próprio estado de alma. (ROSENFELD, 1965, p.5)

O sujeito feminino, que se caracteriza como naufraga no poema “Recordar é preciso”, sente-se dessa forma, provavelmente porque revive constantemente uma ilusão de tempo reversível, isto é,

A reiteração dos movimentos, *feita dentro do sujeito*, faz com que este perceba que o que foi pode voltar: com essa percepção e com o sentimento da simultaneidade que a memória produz (recordo *agora* a imagem que vi *outrora*) nasce a idéia do tempo reversível. O tempo reversível é, portanto, uma construção da percepção e da memória. (BOSI, 1992, p.2)

A respeito da relação indivíduo e memória, Ecléia Bosi trata da importância da memória passada dos velhos para as crianças. Para esta estudiosa, “[...] há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não

⁷É importante não confundir o sujeito lírico com o eu autobiográfico, visto que o fato literário possui um universo fictício, onde os elementos da realidade concreta entram em tensão com o imaginário, para criar uma nova realidade, atrás da qual o autor desaparece. (CUNHA, 1979, p. 97)

alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram [...]” (BOSI, 1994). A importância das pessoas mais velhas para construção da memória das crianças descrita por Bosi pode ser percebida no poema da escritora afro-brasileira Graça Graúna⁸:

Resistência

Ouvi do meu pai que a minha avó benzia
e o meu avô dançava
o bambelô na praia, e batia palmas
com as mãos encovadas
ao coco improvisado,
ritmando as paixões
na alma da gente.
Ouvi do meu pai que o meu avô cantava
as noites de lua, e contava histórias
de alegrar a gente e as três Marias.

Meu avô contava:
a nossa África será sempre uma menina.
Meu pai dizia:
ô lapa de caboclo é esse Brasil, menino!
E coro entoava:
_ dançamos a dor
tecemos o encanto
de índios e negros
da nossa gente.
(GRAÚNA, 2006, p.120)

Na primeira estrofe desse poema, o sujeito poético o qual não se identifica enquanto gênero, recorda conhecimentos das tradições e costumes (a avó benzia, o avô dançava, contava histórias e cantava) que lhes foram transmitidos pelo pai. A memória do sujeito poético recorda algo que não foi vivenciado por ele, mas por seu pai, isso é indicado pelos seguintes versos: “Ouvi do meu pai que a minha avó benzia” e “Ouvi do meu pai que o meu avô cantava”.

Nesse poema, há dois processos distintos relacionados à memória. O pai do sujeito poético teria o que denominamos de memória, pois ele vivenciou os fatos, já o sujeito poético teria uma pós-memória, conceito definido por Beatriz Sarlo como “a memória da geração seguinte àquela que sofreu ou protagonizou os acontecimentos (quer dizer: a pós-memória seria a “memória”

⁸Graça Graúna é poeta, ensaísta, professora universitária. Doutora em Letras. Atualmente é professora adjunta pela UFPE.(Universidade Federal de Pernambuco). Publicou individualmente dois livros de poesias: *Tessituras da Terra* e *Canto Meztizo*.

dos filhos sobre a memória dos pais)” (SARLO, 2007, p. 91). Por sua vez, a memória da voz enunciativa, trazida na segunda estrofe do poema, é indicada pelos versos: “Meu avô contava:” e “Meu pai dizia:”.

Segundo Alfredo Bosi (1992), no ensaio *O tempo e os tempos*, é a linguagem que possibilita a memória articular-se formalmente e duradouramente na vida social. Ainda segundo Bosi,

Pela memória as pessoas que se ausentaram fazem-se presentes. Com o passar das gerações e das estações esse processo “cai” no inconsciente lingüístico, reafirmando sempre que se faz uso da palavra que evoca e invoca. É a linguagem que permite conservar e reavivar a imagem que cada geração tem das anteriores. (BOSI, 1992, p.28)

Destarte, de acordo com o pensamento de Alfredo Bosi, a memória consiste em uma forma de tornar imortais as pessoas e fatos. Idéia corroborada por Roberto Correa dos Santos, quando este se refere à memória como categoria histórica: “Todas, no entanto, unem-se pelo fio comum de um mesmo trabalho, o do embate com a morte”. (SANTOS, 1999, p.16)

Ao escrever fatos e momentos importantes do passado afrodescendente, as escritoras (re)inventam e (re)atualizam a memória afro-brasileira, pois, segundo Ecléa Bosi (1994), lembrar significa aflorar o passado, combinando com o processo corporal e presente da percepção, misturar dados imediatos com lembranças. A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações.

Nesse sentido, o poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo, evidencia o modo como um sujeito lírico, que se identifica como um sujeito feminino negro, via a história da luta contra a escravidão ao longo das diversas gerações:

Vozes-Mulheres

A voz da minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem- o hoje- o agora.
Na voz de minha filha
Se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.
(EVARISTO, 1990, p. 32)

Nesse poema podemos identificar as características de gênero e étnica do sujeito lírico, porque “a recordação traz a marca dos padrões e valores mais ou menos ideológicos do sujeito, a marca dos seus sentimentos a colorir eticamente e afetivamente a lembrança [...]” (GONÇALVEZ FILHO, 1988, p.99).

Esse sujeito poético traz a memória de uma luta na qual participaram várias gerações distintas (a bisavó, a avó, a mãe, o sujeito poético feminino e a filha). As vozes dessas mulheres funcionam como contas de um colar que constituiria a liberdade, um colar que está sendo analisado pelo sujeito poético que recorda a vida de seus antepassados e visualiza o futuro de sua filha, ou seja, a esperança que tem no futuro da filha. Esse momento pode ser percebido nitidamente na última estrofe. O verso “a fala e o ato” traz uma idéia de teoria e prática, o reconhecimento da história e a ação efetiva para modificá-la. Essa filha que conhece o ontem, o hoje e o agora, poderá desfrutar de uma conquista que se construiu através dos tempos: a liberdade.

Na linhagem estabelecida nesse poema, as vozes posteriores, desfrutam das conquistas obtidas pela luta de seus ancestrais. Assim, a liberdade vivenciada pela filha no futuro será a ressonância de lutas anteriores (o choro, a submissão, a revolta contida, as palavras poéticas e a atuação).

Apesar de já ter assinalado sobre isso anteriormente, considero importante afirmar que, embora tematize um fato verídico – a escravidão –, temos nesse poema uma ficcionalização, pois

Quando a poesia moderna se refere a conteúdos - das coisas e dos homens – não os trata descritivamente, nem com o calor de ver e sentir íntimos. Ela nos conduz ao âmbito do não familiar, torna-os estranhos, deforma-os. A poesia não quer ser mais medida em base ao que se chama realidade, mesmo se – como ponto de partida para sua liberdade – absorveu-a como resíduos [...] das três maneiras possíveis de comportamento da composição lírica - sentir, observar, transformar – esta última que domina na lírica moderna e, em verdade, tanto no que diz respeito ao mundo quanto à língua [...] (FRIEDRICH, 1978, p 16).

Até esse momento nos detivemos a respeito da memória enquanto máquina mental de um sujeito e nas relações de um indivíduo com suas lembranças, tenham sido elas fruto de suas próprias experiências ou adquiridas a partir de relatos de outros. Todavia, se, como vimos, a memória individual é incontrollável, há a memória coletiva de um grupo étnico ou nação que é controlável. Essa memória que iremos abordar agora é aquela definida por Roberto Correa dos Santos (1999) como a memória enquanto categoria histórica e que se refere a uma coletividade.

A memória coletiva pode ser definida tanto como um instrumento, quanto como um objetivo do poder, na medida em que controlar o passado consiste em uma das preocupações daqueles que detiveram ou detêm o poder nas sociedades históricas. Um exemplo desses mecanismos de manipulação da memória coletiva são os silêncios e esquecimentos da história (LE GOFF, 1996). Além disso, é importante ainda destacar que a história e a memória possuem uma relação muito próxima, porque "A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, [...]"(LE GOFF, 1996, p. 477). Um

exemplo do esquecimento da história oficial brasileira é evidenciado no poema “Passado Histórico”, de Sônia Fátima da Conceição⁹,

Passado Histórico

Do açoite
da mulata erótica
da negra boa de eito
e de cama
(nenhum registro)
(FÁTIMA, 1998, p. 67)

Nesse poema, questiona-se o apagamento da história dos afrodescendentes, por meio da figura feminina negra. Contesta-se a falta de registro histórico sobre as mulheres negras, o que poderia levar a pensar, equivocadamente, que essas mulheres não contribuíram para a construção do Brasil. O Sujeito poético contesta uma história oficial que difundiu uma imagem da mulher negra brasileira estereotipada (“da mulata erótica, da negra boa de eito” e “da negra boa de cama”), entretanto não registrou os nomes de afro-brasileiras que contribuíram para a construção da história da afrodescendência no Brasil.

Em diálogo com o poema “Passado histórico”, há o poema “Ressurgir das cinzas”, de Esmeralda Ribeiro¹⁰, no qual são citadas algumas das mulheres negras importantes tanto para a memória coletiva afro-brasileira como para a história do Brasil,

Ressurgir das cinzas

Sou forte, sou guerreira,
Tenho nas veias sangue de ancestrais.
Levo a vida num ritmo de poema-canção,
Mesmo que haja versos assimétricos,
Mesmo que rabisquem, às vezes,
A poesia do meu ser,
Mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:

⁹No *Cadernos Negros*: os melhores poemas há dois poemas dessa escritora. Essa socióloga paulista nasceu em 1951. Publicou como obra individual a novela *Marcas, sonhos e Raízes*. São Paulo: Ed. da Autora, 1991. (novela). Participou de antologias no Brasil e exterior, tais como: *Cadernos Negros* (2, 4, 6,8,12,16,17,18,19); *Reflexões sobre a literatura afro-brasileira*; e *Colorado*.

¹⁰Esmeralda Ribeiro nasceu em 1958, em São Paulo. É jornalista, escritora, pesquisadora e uma das coordenadoras do Quilombhoje. A participação dessa escritora na organização dos *Cadernos Negros* remonta a 1982. Além de ter participado de algumas antologias nacionais e internacionais, essa escritora possui obras individuais, como *Malungos e Milongas* (1988). Atualmente tem participado como palestrantes de conferências e seminários nas quais aborda a questão da escrita feminina.

“Nunca me verás caída ao chão.”

[...]

Sou guerreira como Luiza Mahin,
Sou inteligente como Lélia Gonzáles,
Sou entusiasta como Carolina Maria de Jesus,
Sou contemporânea como Firmina dos Reis
Sou herança de tantas outras ancestrais.
E, com isso, despertem ciúmes daqui e de lá,
mesmo com seus falsos poderes tentem me aniquilar,
mesmo que aos pés de Ogum coloquem espada da injustiça
mesmo assim tenho este mantra em meu coração:
Nunca me verás caída ao chão.
[...]
(RIBEIRO, 2004, p.63)

Esse poema de Ribeiro é constituído na íntegra por seis estrofes, acima transcrevi a primeira e a terceira estrofes, sendo todas elas finalizadas pelo refrão: “Nunca me verás caída ao chão”.

A voz enunciativa desse poema, como está explícito no adjetivo “guerreira”, é um sujeito feminino negro. Na primeira estrofe, o sujeito ficcional descreve-se como guerreira e como herança de seus ancestrais, para em seguida comparar sua vida a uma poesia:

Levo a vida num ritmo de poema-canção,
Mesmo que haja versos assimétricos,
Mesmo que rabisquem, às vezes,
A poesia do meu ser,

Depois, o sujeito, que se identifica como feminino, elege precursoras e inventa uma linhagem na qual se insere. Ao fazer isso, a voz enunciadora contribui para a construção da identidade afrodescendente brasileira, pois, segundo Michael Pollack (1992), a memória é um fenômeno construído (consciente ou inconsciente), como resultado do trabalho de organização (individual ou socialmente). Sendo um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

As figuras lembradas são mulheres fortes que participaram ativamente na construção da história da afrodescendência brasileira. Ao citar Luiza Mahin,

Firmina dos Reis, Carolina de Jesus e Lélia Gonzáles, a voz enunciativa corrobora as seguintes palavras de Gonçalves Filho (1988):

À margem das histórias autorizadas e apologéticas, a memória dos dominados resiste, entretanto, na tradição oral de grupos algo coesos, algo comunitários, onde pode ocorrer que os impasses do presente, tendo frisadas sua solidez e sua gravidade, sejam percorridos por uma espécie de teimosia. Entre coragem e paciência, uma teimosia que é engordada na lembrança de episódios fragmentários, envolvendo pessoas queridas e veneradas, que conheceram elas mesmas o peso daqueles impasses, pessoas que sofreram e morreram, mas obstinadamente se sustentaram no amor por direitos comuns inalienáveis, de cuja busca já não podiam prescindir a não ser mediante o sacrifício de sua própria dignidade, isto é, mediante o esfacelamento do que internamente os movia na convivência com as coisas, com as estruturas humanas, com os outros e consigo mesmos. (GONÇALVES FILHO, 1988, p.99)

Entre as citadas, Luiza Mahin é a mais velha. Tendo vivido no século XIX, a quituteira Mahin ficou conhecida como a líder da Revolta dos Malês. Esse movimento caracterizou-se por ter reunido participantes de vários grupos étnicos. Além disso, Mahin é a mãe do poeta Luiz Gama e um símbolo da mulher negra que participou efetivamente das organizações de revolta no período da escravidão, uma história esquecida pela história oficial brasileira.

Em seguida, temos as escritoras Firmina dos Reis e Carolina de Jesus. Maria Firmina dos Reis é a primeira a publicar sua obra. Tendo vivido no século XIX, Firmina foi professora, escritora e jornalista em um período em que a escravidão era reconhecida por lei. Atualmente, temos conhecimento das seguintes obras da autora: dois romances, *Úrsula* (1859), primeiro romance abolicionista de que se tem conhecimento na literatura brasileira, *Gupeva* (1861); o conto *A escrava* (1887) e um livro de poemas denominado de *Cantos a beira-mar* (1871). Carolina Maria de Jesus, assim como Reis, publicou obras literárias. Nascida em 1914, na cidade de Sacramento (MG), Carolina foi uma catadora de papel, favelada que teve sua primeira obra traduzida para diversas línguas. Entre os livros dessa escritora destacam-se *Quarto de Despejo* (1960), *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome* (1963), *Provérbios* (1963) e *Diário de Bitita* (1982, publicação póstuma).

Finalizando o quarteto de mulheres negras lembradas pelo sujeito poético, temos Lélia González, uma importante referência para o Movimento Negro brasileiro. Intelectual, política, professora e antropóloga brasileira, nascida em Minas Gerais e histórica no movimento feminista brasileiro. Entre a produção

escrita de Lélia Gonzáles estão os livros *Lugar de Negro* (1982) e *Festas Populares no Brasil* (1987), premiado na Feira de Frankfurt. Além disso, Gonzáles também produziu muitos artigos, comunicações, seminários.

Como sabemos, o “esquecimento [...] e memória [...] supõem o tema do poder. A memória exerce-se e avalia-se, sempre, a partir de uma posição ou a partir de um posicionamento em relação ao poder e à autoridade.”(ACHUGAR, 2006, p. 206). Por isso, trazer em sua textualidade importantes figuras históricas que representam a luta dos afrodescendentes no solo brasileiro constitui um ato de empoderamento das escritoras negras.

Tendo em vista tudo o que foi exposto nesse texto, evidenciou-se, que por meio da produção de poemas, as escritoras afro-brasileiras dos *Cadernos Negros* têm contribuído para a visibilidade de temas relacionados aos afro-brasileiros. Esses poemas algumas vezes possuem um sujeito lírico que se identifica como feminino, outras vezes não. E em outras ainda, nos são fornecidos elementos que permitem identificar a voz enunciativa como um ser mulher e como um sujeito negro. E, assim, a partir do ponto de vista de escritoras afro-brasileiras, é tematizada a memória, seja ela referente a um indivíduo ou a um coletivo. Dessa forma, a produção poética das afro-brasileiras constrói a memória dos afrodescendentes brasileiros, trazendo à tona os importantes papéis desempenhados pelas mulheres negras ao longo da luta pela liberdade ontem e hoje.

REFERÊNCIAS:

- ACHUGAR, Hugo. (2006) *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: UFMG.
- BOSI, Ecléa. (1994). *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- BOSI, Alfredo. (1992). O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto (Org.) *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal da Cultura.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. (1992). Gênero. In. JOBIM, José Luis. *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago.

- CUNHA, Helena Parente da. (1979). Os gêneros literários. In: PORTELLA, Eduardo et al. *Teoria Literária*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,
- EVARISTO, Conceição. (1990). Vozes- Mulheres. In: *Cadernos Negros*. São Paulo: Quilombhoje.
- EVARISTO, Conceição. (1990). Fluida Lembrança. In: *Cadernos Negros*. São Paulo: Quilombhoje.
- EVARISTO, Conceição. (1992). Recordar é preciso. In: *Cadernos Negros*. São Paulo: Quilombhoje.
- FATIMA, Sônia. Passado Histórico. (1998). In: QUILOMBHOJE (Org.) *Cadernos Negros: os melhores poemas*. São Paulo: Quilombhoje.
- FOUCAULT, Michel. (1971). *L'Ordre du discours*. Tradução de [Edmundo Cordeiro](#). Éditions Gallimard, Paris. Disponível em <http://www.unb.br/>> Acesso em 25 mar 2007.
- FRIEDRICH, Hugo. (1978) *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. São Paulo: Livrarias Duas Cidades.
- GRAÚNA, Graça. (2006) Resistência. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Marcio (Org.) *Cadernos Negros*. São Paulo: Quilombhoje.
- GONÇALVES FILHO, J. M. (1988). Olhar e Memória. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras.
- HEGEL. (1980). *Estética: poesia*. Tradução de Álvaro Ribeiro. Lisboa: Guimarães Editores.
- LE GOFF, Jacques. (1996). *História e Memória*. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP.
- OLMI, Alba. (2006). *Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- POLLACK, Michael (1992). Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n 10.
- RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Marcio. (2006). Introdução. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Marcio (Org.) *Cadernos Negros*. São Paulo: Quilombhoje.
- RIBEIRO, Esmeralda. (2004). Ressurgir das cinzas. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Marcio (Org.) *Cadernos Negros*. São Paulo: Quilombhoje.
- ROSENFELD, Anatol. (1965). *O teatro épico*. São Paulo: Buriti.
- SOUZA, Florentina da Silva. (2005). *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica.
- SANTOS, Roberto Correa dos. (1999). *Modos de saber, modos de adoecer: o corpo, a arte, o estilo, a vida, o exterior*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- SARLO, Beatriz. (2007). *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. (2000). A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. *Revista Educação & Sociedade*. Campina, v. 21, n. 71, Jul.